



32(2): 5-6
jan/jun 2006

Editorial

Para saber, há que imaginar – escreve Didi-Huberman, convocando-nos a imaginar o inferno de Auschwitz, para assim dele termos “ciência”. Imaginar o imaginável (e não, ao contrário, mais uma vez invocar o inimaginável). Sim, procurar, receber, olhar e pensar “imagens” de algo que importa saber, em que pese este mundo tão completamente atapetado de figuras e mercadorias imaginárias. Entregar-se às imagens, para além da clássica separação entre mundo verdadeiro e mundo aparente, para inventar algo novo, como nos ensinou Nietzsche.

É nesse ambiente filosófico da relação entre imagem e vida, em nome de um trabalho de educação do olhar, que organizamos este número de *Educação & Realidade*, abrindo-o com uma conferência de Jorge Larrosa, feita por ocasião de um seminário realizado neste ano em Buenos Aires. O estudioso espanhol, companheiro de muitas andanças entre nós, na Faculdade de Educação da UFRGS, mais uma vez nos fala de linguagem, de narrativa, de educação pela e com a palavra e as imagens. Há uma recorrência em seus escritos, uma recorrência benjaminiana, de trazer para o campo da Educação aquilo que é da ordem da criação, da experiência – aquilo que enfim tem como critério principal a vida. Se, como Foucault, sabemos que há perigo na linguagem e nos discursos, é por dentro deles que havemos de lutar: falar “contra”, falar de outro modo, ler de outra forma, escrever diferentemente do que vimos escrevendo. Buscar, como diz Larrosa, uma saída, algo “fora” do que nos é dado, e da única maneira possível: com palavras. O autor vai além, nesta conferência que aqui publicamos: fala de fábulas e de cenas do cinema, convocando-nos a olhar de outro modo, a inventar, como o cineasta Kiarostami, novos exercícios de “mirar”, para que algumas formas cristalizadas de vida, como nossa relação com a infância, por exemplo, possam receber o frescor de outros ares, possam ser sacudidas em suas mesmices e insistências conservadoras.

Renata Fernandes dialoga com Larrosa, ao traçar suas inquietações sobre a criança e os simbolismos por ela construídos. Por sua vez, Lodenir Karnopp e Madalena Klein escrevem a partir de uma experiência com escolas de surdos, discutindo a complexidade do ensino de línguas – particularmente, da língua de sinais. No centro desse debate, certamente está o problema da aprendizagem, objeto do artigo de Maria Helena De-Nardin e Regina Sordi: elas se indagam sobre práticas contemporâneas de “prestar atenção”, compreendendo a atenção não como algo biologicamente determinado, mas antes como fenômeno cultural.

Estão no centro de nossas preocupações, neste número, os tantos “diferentes” que encontramos nas escolas: os atentos e os desatentos, os surdos e os ouvintes, as infâncias repetidamente narradas do mesmo modo e aquelas imaginadas de outro modo. Estão também os homossexuais e os músicos – sobre os quais escreve Cláudia Ribeiro. E estão os “diferentes gaúchos”, pensados por Letícia de Freitas. Na entrevista feita com Jorge do Ó e Marisa Vorraber Costa, outras diferenças emergem: diferenças de um outro tempo, a exigir uma outra escola. E, na resenha de Maria Clara Bueno Fischer, uma urgência: a articulação entre pesquisa em educação e práticas políticas.

Em todos esses textos, encontramos o desejo de autores que se propõem a ampliar os modos de pensar as múltiplas aprendizagens possíveis no ambiente escolar e nas práticas sociais mais amplas. Em todos os artigos, está presente o esforço genuíno de dedicação às micro-realidades, ao grão mínimo dos acontecimentos. Nesse esforço, nem o puro silêncio, nem a palavra absoluta, como escreve Georges Didi-Huberman no livro *Images malgré tout (Imagens, apesar de tudo)*. Mas um trabalho, um tempo de trabalho sobre as imagens e as palavras – trabalho de conhecimento e de pensamento, necessário a todos nós, pesquisadores, professores e alunos.

A todos, uma boa leitura. Para saber um pouco mais. E imaginar, quem sabe, outros modos de ensinar, pesquisar e aprender.

Rosa Maria Bueno Fischer
Editora